

crise da habitação e os impostos sobre o comércio actuam de maneira a destruir inteiramente o símbolo mais elementar da liberdade na Europa, que em certas formas já existia na Idade Média, a liberdade de residência. E se a coacção medieval agrilhoava as pessoas a associações naturais, é bem verdade que, actualmente, elas estão acorrentadas a uma comunidade não natural. E poucas coisas fortalecerão tanto o fatal poder do instinto migratório que vai alastrando, como a restrição da liberdade de residência; e também nunca houve tão grande discrepância entre a liberdade de movimentos e a riqueza de meios de comunicação.

XII. Às cidades acontece o mesmo que a todas as coisas que sofrem um processo incontrollável de mistura e impureza e perdem a expressão da sua essência, a ambiguidade ocupando o lugar do autêntico. As grandes cidades — cujo poder incomparavelmente tranquilizador e confirmador estabelece uma paz burguesa entre aqueles que trabalham, e ao suprimir-lhes a visão do horizonte consegue subtrair-lhe também a consciência das forças elementares sempre presentes — surgem invadidas pelo campo por todo o lado. Não pela paisagem, mas por aquilo que a natureza livre possui de mais amargo, o solo arável, as calçadas, o céu nocturno, que nenhuma camada de vermelho vibrante esconde já. A insegurança mesmo das regiões habitadas mergulha inteiramente os cidadãos naquela situação opaca e absolutamente medonha em que eles têm de aperceber, por entre a ausência de construções da planície deserta, as excentricidades da arquitectura citadina.

XIII. A nobre indiferença ante as esferas da riqueza e da pobreza perdeu-se inteiramente nas coisas que se fabricam. Cada uma delas marca o seu detentor, que apenas pode escolher entre ser um pobre-diabo ou um traficante. Porque, ao passo que o verdadeiro luxo é de tal ordem que a inteligência e a sociabi-

lidade são capazes de o penetrar e fazer esquecer, aquilo que aqui se expõe em mercadorias de luxo apresenta-se tão desavergonhadamente maciço que toda a irradiação espiritual neles se desfaz.

XIV. Dos mais antigos usos dos povos, parece chegar-nos a advertência de nos abstermos do gesto da avidez ao recolher aquilo que tão generosamente recebemos da natureza. Porque nada podemos oferecer à natureza que seja nosso. Por isso, será conveniente que manifestemos reverência no acto de tomar, ofertando-lhe de novo uma parte de tudo que de vez em quando recebemos, antes ainda de tomarmos posse daquilo que é para nós. Esta reverência manifesta-se no velho rito da *libatio*. Talvez tenha sido mesmo essa experiência primordial que foi preservada na proibição de recolher as espigas esquecidas e apanhar as uvas caídas, porquanto elas revertem em favor da terra dos antepassados dispensadores de bênçãos. Segundo um costume ateniense era proibido recolher as migalhas de pão durante a refeição, porque eram pertença dos heróis. — Mas se a sociedade degenerar tanto sob a penúria e avidez, que seja capaz de receber os dons da natureza de forma tão gananciosa que para levar os frutos ao mercado em boas condições os colhe verdes, e para ficar saciado tem de esvaziar todo o prato, a sua terra tornar-se-á pobre e o campo dará maus frutos.

TRABALHOS NO SUBSOLO

Em sonhos vi uma região erma. Era a Praça do Mercado em Veimar. Realizavam-se ali escavações. Eu próprio escavei um pouco a areia. Então, surgiu o pináculo da torre de uma igreja. Exultante, pensei: é um santuário mexicano pré-animista, o Anaquivitzli. Acordei a rir. (Ana=ává; vi=vie; witz=igreja mexicana[!])